

JAIME SALAZAR SAMPAIO

TEATRO COMPLETO

Organização de SEBASTIANA FADDA

III



OFERTA

JAIME SALAZAR SAMPAIO TEATRO COMPLETO

Organização de SEBASTIANA FADDA

Posfácios de SEBASTIANA FADDA
e de JOSÉ MASCARENHAS

III

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

A ÍNCLITA GERAÇÃO

*Para Fabrice Schurmans
que muito batalhou por esta peça.
E por algumas outras.*

ESTA «ÍNLITA GERAÇÃO»

Surpreendente e inesperado é o que me apetece dizer depois de ter lido e relido a última criação teatral de Jaime Salazar Sampaio. Esta «Ínlita Geração» é o ajuste de contas de um autor dramático com um país de horizontes fechados que funcionou — e se calhar continua a funcionar, embora estejamos demasiado distraídos com o barulho das luzes para o perceber, e daí a importância desta obra — como uma família remediada (expressão muito em voga nos anos 60 que continha toda a capacidade de ambição então possível).

É surpreendente que o autor que em Portugal mais vezes trilhou — ou pelo menos seja «acusado» disso — os limites do absurdo (noutro local já chamei irreal quotidiano ao «absurdo» de Jaime Salazar Sampaio) nos coloque agora em mãos — e espera-se, nesta triste esperança da dramaturgia portuguesa contemporânea, que brevemente nos palcos — uma farsa política doméstica, levemente corrosiva, de ferocidade contida, de dentes arreganhados e prestes a morder.

E o que é inesperado é que Jaime Salazar Sampaio o tenha feito conservando nesta «Ínlita Geração» algumas das características recorrentes do seu teatro: os espaços fechados (desta vez o *buis-clos* atinge a dimensão do absurdo, de tal modo o carácter fechado do espaço é assumido, uma vez que o contacto com o exterior só é possível através de um periscópio), e a preferência pelo universo feminino como elemento determinante — quase como deus *ex-machina* — das situações e das acções. E quase que vislumbro o ar perverso com que Jaime Salazar Sampaio assumiu tratar a ditadura no feminino e em família.

Dona Teresa e Rosália são a reencarnação da extensa galeria de personagens femininos do autor, só que desta vez exercendo assumidamente o poder. Até as ingénuas meninas excitadas já as encontramos noutros locais inventados por Salazar Sampaio, só que noutro registo mais contido e dramático; desta vez, perderam a vergonha e já podem entrar na farsa.

Falando desta ínclita geração, é obviamente de Portugal e da ditadura que o autor pretende falar, mas também do Portugal contemporâneo onde ainda continuamos a conviver com muitos dos resquícios e dos tiques desses anos de chumbo, com os quais Salazar Sampaio é impiedoso.

Ao ler e reler «A Íncrita Geração» pensei muito em duas outras obras teatrais: «O Chá dos Generais» de Boris Vian e «Anastas» do catalão Juan Benet. E se é verdade que o registo por que Jaime Salazar Sampaio optou acaba por o aproximar do universo daqueles textos e daqueles autores, particularmente de Vian, não é menos certo que tem a profunda vantagem de o fazer sobre nós e o nosso passado recente. E essa acaba por ser a principal contribuição desta «Íncrita Geração» e do ajuste de contas que ela significa: um olhar sobre a nossa vida como se toda ela a tenhamos vivido num pequeno regabofe.

JOSÉ MARTINS

Viana do Castelo, Julho de 1998

(ano da Expo em Lisboa)